



fruta do tempo

SANTA BARBARA!!

O que é um político?
Um político é a parte reles dum homem de Estado.

Jámais em Portugal, rarearam tanto os estadistas e superabundaram tão verminantemente os politiquieiros.

Chamei-lhes politiquieiros e não os qualifiquei de políticos, porque há pessoas que nem mesmo no genero reles atingem a medida: são léndeas que nunca chegam a piolhos...

É o que nos tem valido.

De contrário a decrepita vitalidade nacional estava já reduzida à inércia duma esburgada carcassa.

Devemos á banca inglesa, pelo que nos adiantou para as despeças da Guerra Grande, a bagatela de vinte e dois milhões de libras. Santa Barbara!

O montante desta nossa divida só se tornou conhecido do contribuinte português desde que os jornais estrangeiros divulgaram a quantia. Até então foi um segredo do Estado.

Este segredo é quanto pode haver de mais parecido com o estratagemas das crianças, quando fecham os olhos para não serem encontradas: «o menino não está!»

Mas a divida estava, estava assolapada e atenta, pois cada uma das suas cifras era um olho vigilante, espectante — fito...

Quem tinha os olhos fechados e a inteligência ausente, eram os governos de Portugal.

E agora?

Fiç esta mesma pergunta há pouco ainda, a um dos homens que, no nosso País de expedientes e de improvisos, mais absorvidamente e mais lucidamente se tem dedicado aos assuntos economicos e financeiros.

Encolheu os hombros, como quem diz:—Não sei...

Logo a seguir, apontou para o Ministério das Finanças e concluiu assim: —Éles também não sabem...

Uma coisa porém é sabida, por ser patente, por ser evidentíssima, por se meter pelos olhos dentro, embora os quizessemos fechar:

É que a nossa categoria de terceira potência

colonial do mundo — deste acanhado mundo, onde todas as nações progressivas pretendem alargar o seu campo de expansão — se torna, cada vez, mais decorativa e precária.

Relegados para a situação de devedores insolventes, ou, na melhor hipótese, de pagantes retardatários e atrapalhados, ficámos, de algema e grillheta, chumbados ao arbitrio inglês.

É o old england que é homem sério e de palavra em contractos mercantis de natureza pessoal, fecha essa honrada cartilha quando os contractos sejam de character politico. Então vira de bórdo, e segue a róta da tradicional fê punica.

O resto, o que se tem feito e o que se continua a fazer (se os pretores cuidam de coisas minimas...) é um opaco e impenetravel mistério!

Na França, na Italia, na Inglaterra são do dominio publico, se não nas suas particularidades, nas suas linhas estruturais, a marcha das negociações e os resultados das diligências empregadas para se chegar a um entendimento no que respeita ás dividas da Guerra.

Em Portugal, o mesmissimo caso é sigilo dos manipansos...

Não quero deitar lenha na fogueira, em que os politicos da Republica, desde 1914, se estão queimando ingloriamente. Não quero. Além de anti-patriótico, eu seria contradictorio, porque fui um intervencionista.

Não desejo aticar as labaredas; mas...

Mas, se o senhor doutor Afonso Costa se encontra disposto, como afirma, como dizem os seus aulicos, e como creio, a prestar, logo que chegue o momento oportuno, toda a especie de generosos sacrificios e dedicações á Patria, em que nasceu e medrou, — uma interrogação é licito fazer.

Uma interrogação que envolve um tímido alvitre: Porque não o incumbem de partir para Londres a resolver este embaraço, que sendo de vinte e dois milhões de libras, é tambem de vinte e dois milhões de diabos?

Nunca foi, tão applicavel e tão novo, o velho ditado popular:

— Quem as urdiu, que as teça...

A. L.

FERNANDES COSTA

Outro nome que a morte apagou dentre os que se ilustraram no bom combate de há quinze anos, quando a ancia da vitoria a todos trazia unidos e comungando a mesma esperança.

Fernandes Costa foi entre os precusores da República o homem de fé e de principios, que galhardamente manteve atravez das vicissitudes da politica agitada do regimen. Os seus processos de homem publico foram sempre norteados pela honestidade, que dominava a sua vida particular.

O seu passamento inesperado deixa entre os seus amigos e compa-
nheiros de luta um doloroso rastro de saudade.

Vão-se os antigos... Vão-se os melhores...



NA BICHA

Caíu o governo do sr. Antonio Maria da Silva, o que não se percebe lá muito bem, porque continua no ar como se não tivesse caído. Parecia, pois, mais natural ter-se dito, — escorregou o governo do sr. Antonio Maria da Silva. Mas adiante. Como havia sintomas de *Bernarda* foi chamado o marido para vêr se a metia na ordem, mas a familia da mulher não lh'o consentiu e o Bernardo foi se embora. Aqueles parentes são levados do diabo. E então como era preciso apagar o fogo que ardia em muitas cabeças, recorreu-se ao Dr. Pedro Martins, bombeiro d'agua benta, para apagar o incendio. O sr. Pedro Martins assestou a agulheta contra os diferentes focos do fogo, esguichou-lhe para cima enquanto pode, mas a certa altura, aparece o sr. Rodrigues Gaspar a não deixar montar mais mangueiras. Que não, que fazia opposição, que talvez o sr. Pedro Martins quizesse ser mais bombeiro do que elle... E o sr. Dr. Pedro Martins, retirou-se por não ter podido ao menos deitar a escada aos Nacionalistas, que deviam ter por ele a consideração que se tem por um compadre do Papa. A situação era terrível. Não havia quem organisasse ministerio. Só mandando-o fazer de encomenda. Era a solução. Mandava-se vir de França, como os meninos. Foi o que se fez. Deu-se uma valente telegrafia para Paris e ahi vem o sr. Domingos Pereira, o terceiro da bicha presidencial, para estabelecer a harmonia da familia, como em certos casais, que só depois de receberem de França o primeiro rebento, é que começam a gosar a paz e a alegria. Mas ha mais gente para a bicha, mesmo sem contar com os nacionalistas, que andam a pedir que a dissolvam para eles ficarem á frente na bicha nova.



Ranae

Regem petentes...

«Que sempre no seu reino chamarão
Affonso, Affonso, os ecos mas em vão!»

Lustadas, III,...

Deus, que regeis com vossa Omnipotencia os mundos,
O céu, a terra, o mar, o raio, o fogo, a cruz
E tudo o que de imenso e grande se produz
Dos espaços sem fim nos pelagos profundos:

Deus, que aos mortos daes vida, alento aos moribundos,
Aos crentes o bemdito asilo de uma cruz,
Aos impios o perdão dos labios de Jesus:
Deus, a cujos fatais designios profundos

Cedem da natureza as fôrças mais potentes:
Socorrei, neste transe, um povo de innocentes
Portadores de um sonho eterno, vão, feliz...

«Affonso!» é o seu grito, em notas doloridas.
Mas o tempo decorre, instantes, anos, vidas,
E ao grito não responde... o eco de Paris!

(De um livro inédito.)

J. NEPOMUCENO.

COMO ELES SE DIVERTEM...

Revista em 1 Acto e 5 Quadros

1.º QUADRO

A RAPOSA E O GALO,

Nos Passos Perdidos. O sr. Antonio Maria da Silva e o sr. José Domingues dos Santos.

O SR. ANTONIO MARIA

Vem, meu amor,
Vem aderir
Com o teu calor.



JOSÉ DOMINGUES

Vae-te despir.

O SR. ANTONIO MARIA

Vem junto a mim
Serás nababo
Vem, vem emfim...

JOSÉ DOMINGUES

Vae p'ro diabo...

O SR. ANTONIO MARIA

Faça se a paz
Entre nós dois.
E's bom rapaz...
Depois, depois...
— Como sorri! —
Que forte partido!

JOSÉ DOMINGUES

Eu nasci
P'ra ser comido!

2.º QUADRO

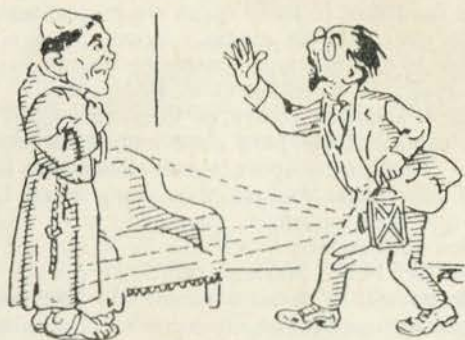
Na rua das Chagas. Em casa do sr. Alvaro de Castro.

O SR. ANTONIO MARIA

Frei Alvaro de Castro? Há muito vos procuro...
Como quem, ansioso, espera um porto seguro...
Vós sois o talento, a fé, a calva, a grande esperança
O Messias escondido num corpo de creança...

O DR. ALVARO DE CASTRO

Não compreendo bem o que dizeis, senhor.



O SR. ANTONIO MARIA

Que te abro os meus braços p'ra tu caíres, amor.

O DR. ALVARO DE CASTRO

Mas isso é espantoso!

O SR. ANTONIO MARIA

A Ação Republicana,
Embora vocês todos rapazes duma cana,
Não conseguirá impôr-se, triunfar e vencer...
Aliae-vos comigo — e iremos ao poder...

O DR. ALVARO DE CASTRO

Blasfemia tamanha!

O SR. ANTONIO MARIA

Pois vós estais a rir?
Que respondeis, Frei Alvaro?

O SR. ALVARO DE CASTRO

Filho, vae-te despir...



O DR. GINESTAL

Tu para cá vens de carrinho
E p'ra lá vaes a fugir.

O SR. ANTONIO MARIA

Não sejas mau, ó visinho.

O DR. GINESTAL

Filhinho, vae-te despir.

3.º QUADRO

No Directorio Nacionalista

O SR. ANTONIO MARIA

Sinhor doutor Ginestal
Você póde assocégar
Eu não vou fazê doêr
Eu só quero é beliscár
Ó i ó ai!
Venha comigo doutor
Conversemos de mãos dadas
Como está muito calor
Tomemos carapinhadas...

O DR. GINESTAL

O que você quer sei eu.
Consigno não tomo nada.

O SR. ANTONIO MARIA

Nem ao menos — Deus do Céu —
Uma ligeira pitada?

O DR. GINESTAL

Eu cá por mim, Ginestal,
Consigno não vou na fita,
Nem mesmo o Cunha Leal
Nem o proprio Pedro Pita.

O SR. ANTONIO MARIA

Se a gente se juntar...
Em doce fraternidade
O país ha de cantar
Lindo hino à igualdade.
Haverá musica e festa
Tocará um grande sino.
Que folia vai ser esta
Com salada de pepino.

4.º QUADRO

Os independentes dançando e cantando com o sr. Antonio Maria no meio deles.

Ora rouba, rouba...
Rouba que é ladrão
Antonio Maria
Rapaz Maganão.

O SR. ANTONIO MARIA

Já cá vae roubado
Já cá vão na mão
O Pinto Barriga
E o Abranches Ferrão...

5.º QUADRO

O sr. Antonio Maria só, braços erguidos.

Eu era Mudo e Só na rocha de Granito.
Dum lado o Directorio e do outro — um apito,
E puz-me a apitar para baixo e p'ra cima
Não apareceu ninguem — excéto o Magalhães Lima.
E perguntei-lhe então: — Como achas o paiz?
E Magalhães pousando o dedo no nariz
Respondeu-me absorto, sem ter conta nem risco:
— Recorrâmos às armas, irmão, de S. Francisco...
Olhei. Pensei. Arredei. E, senhores, assim fiz
E fiado nestas armas — governarei o paiz.

TESTAMENTO

DO

Governo Antonio Maria da Silva

Aos 19 de Julho do ano da graça de mil votos de desconfiança sem efeito, achando-me em pleno uso das minhas habilidades mentais, quero aqui exarar as disposições da minha ultima vontade de continuar no poder. Desejando reconciliar-me com todos os meus inimigos, a todos envio um daqueles beijos fraternais com que costume selar as pazes, no final dos congressos democraticos, afim de morrer tranquilo e em paz com a minha consciencia. Peço perdão a todos os governos que derrubei do poder, mas não perdão aqueles que me votaram uma moção de desconfiança, como eu fazia aos outros.

Ao comandante Portugal Durão deixo um carregamento de papel assetinado, proprio para notas de banco, e vinte interpelações fatais aos ministros que pretendam melhorar o cambio.



Instituo meu universal herdeiro o Dr. Manoel de Brito Camacho que durante a minha vida tem sido meu protector e amigo, esperando que ampare os meus ultimos momentos, ajudando-me a bem morrer, como medico que é e faça cumprir os seguintes legados:

Ao meu velho amigo Dr. Costa Junior, deixo um fato e um chapéu mole, além de toda a agua do Tejo para o que ele julgar mais conveniente.

Ao tenente coronel Victorino Godinho, deixo todas as vagas do mesmo Tejo com a condição de contemplar com algumas o Dr. Barbosa de Magalhães.

Ao dr. Augusto de Vasconcelos deixo um *forceps*, para tirar o arroz da barriga do espanhol que o comeu.

Ao deputado Sá Pereira deixo um bispo, um padre e um menino de côro para enforcar na ultima tripa do deputado Carvalho da Silva.

Ao Dr. João Franco Castelo Branco deixo um projecto de ditadura que nunca teve uso nenhum.

Ao Dr. Bernardino Machado deixo o mosteiro dos Jeronimos e quatro galegos com padiola e chinguicho para o que melhor entender.

Ao dr. Moura Pinto deixo uma das portas do Banco Nacional Ultramarino, livre e desembaraçada de qualquer outro pretendente e o capote e o lenço que pertenceram à minha governante.

Ao Dr. Pinto Barriga deixo o regimento da Camara dos Deputados, para o poder invocar sempre que lhe apeteça, mesmo que não venha nada a proposito.

Ao Dr. João Camoesas deixo uma caixa de pastilhas de clorato de potassio e uma pipa de capilé para acompanhar os seus discursos, além dum gramofone com corda para 45.000 discos.

Ao Dr. Custodio de Paiva deixo a quantia de dez mil escudos para pagamento do operador que lhe ha-de cortar o treio da lingua.

Ao comandante Rodrigues Gaspar deixo a mala verde das minhas habilidades politicas, com a condição de as aplicar ao exterminio do Alvaro de Castro e do José Domingues dos Santos.

Ao Dr. Afonso Costa deixo um bilhete de primeira classe Lisboa-Paris e quatrocentos contos em dinheiro para as despesas telegraficas de rescusa do poder.

Ao Dr. José Domingues dos Santos deixo uma moção de desconfiança, com a condição de só poder ser usada quando ele estiver no poder.

Ao Dr. Alvaro de Castro deixo-o cá neste mundo porque o não posso levar comigo.

Ao Dr. Lino Neto deixo os meus balandraus de Grão-mestre da Maçonaria e um sacco de maximas morais para esmaltar os seus discursos.

Ao Dr. Alberto Vidal deixo todo o bom senso que ainda possuir á data da minha morte, com a

condição de o usar, exclusivamente, na presidencia da Camara dos Deputados.

Ao Dr. Joaquim Ribeiro deixo a gramatica do Epifanio, por onde estudei, com a condição de passar pela vista a conjugação dos verbos, ao menos uma vez ao dia e de a emprestar, nas horas vagas, ao meu amigo Tavares Ferreira.



Ao Dr. João Luis Ricardo deixo uma horta de alfaces, para que, se voltar a ser ministro do Trabalho, o Grilo o deixe em paz.

Ao major Velhinho Correia deixo a esperança de que um dia venha a falecer o major Soares Branco.

Ao meu amigo Manoel Fragoso deixo as noites livres, um guarda nocturno solícito e o primeiro carro electrico da madrugada, para o que lhe fôr mais necessario.

Ao Dr. José Eugenio Dias Ferreira, deixo todos os movimentos revolucionarios que tiver preparados á hora da minha morte, com a condição de dizer a toda a gente que estava mal comigo.

Ao Senado da Republica deixo o senador Joaquim Crisostomo, com a obrigação de mandar votar todos os anos, no aniversario da minha morte, uma moção de confiança.

Ao meu amigo Lima Basto deixo o Anuario Comercial a que falta a pagina 342 para desmentir o deputado Francisco Cruz.

Ao Dr. Lopes Cardoso deixo a pasta da justiça.

Ao senador Julio Ribeiro deixo um pente e uma tesoura, o primeiro para lhe dar a applicação que quizer e a segunda para o auxiliar na redacção de *A Tribuna*.

Ao Dr. Baltazar Teixeira deixo todo o pessoal do Congresso para o aborrecer e vexar com todas as picuinhas que lhe der na gana.

E finalmente, ao Dr. Almeida Ribeiro deixo o Nunes Loureiro para o auxiliar na interpretação das leis e peço-lhe que aceite o encargo de ser meu testamenteiro, já que não posso nomear o Dr. Ferreira de Mira, visto a lei não permitir que tais funções sejam desempenhadas por menores.

Em nome do Padre Camacho, do Filho Mira e do Espirito Santo de Orelha Moura Pinto. Amen.

O cancionero do «Espectro»

VI

Se alguém lhe diz pêta grossa,
Logo com esta lhe arruma
O maroto dum minhoto:
— Não há *dubeda* nenhuma...

VII

A minha honra está pura,
Brada a Josefa do Numa.
Comentario do minhoto:
— Não há *dubeda* nenhuma...

VIII

Batendo rijo nos peitos
Guincha a Maria Tomé:
Calças, só lido com umas,
Com umas, as do meu Zé...

IX

Mas como entrasse na rua
Um sargento de dragões,
Disse uma voz sorrateira:
Oh Maria: E calções?...

X

Repeniquei-lhe um beijinho
No peceguinho do rosto.
Vai ela disse-me assim:
— Afínfe-le, porque *inté* gósto...

XI

Que officio quer aprender
Menino Arsenio Batista?
Já escolhi senhor Mestre,
Quero aprender a grêvista.

XII

Falei no baile das Soisas
A uma joven mascarada.
Senhora, como se chama?
— Ingelca, sua creada...

XIII

Dos teus seios, dois tesoiros,
Disse um toureiro baturro:
Parecem mesmo dois toiros,
Marrando á porta do curro...



?

Sintese do momento politico.

**Bernardo. Bernardino.
Ou Bernarda?**

A fuga dos presos políticos



ou a fraqueza dos fortes

Na mó de baixo



Dizem que a libra desceu!...
Acreditá-los não quero...
Descer, quem desce sou eu,
Que estou abaixo de zero.



A anormalidade normal

Até agora ainda não está organizado o valente grupo de pessoas de boa vontade que ha-de tomar das mãos do Sr. Antonio Maria da Silva a herança governamental.

A primeira pessoa a cuja boa vontade se recorreu foi ao general sr. Bernardo Faria, mas tudo fazia prever, até o proprio apelido, que a sua acção de organisador do novo governo tinha de ser condicional. O sr. general faria todo o possivel para organisar um elenco ministeriol se não tivesse que defrontar o seu feitio desempoeirado e pratico com as mil pequeninas e arditosas manobras dos politicos profissionais.

De sorte que estamos sem governo, no sentido de estarmos reduzidos a onze senhores que funcionam como ministros mas não como politicos, dando expediente e não tendo que servir-se de expedientes para se aguentarem na situação comoda de demissionarios. Tambem estamos provisoriamente sem parlamento, porque o parlamento só funciona quando tem alguém em quem bater e como ás garantias mais uma vez foram postos os suspensorios do costume, é caso para se perguntar se esta paz tranquilla que ha uns dias vimos gosando não será consequencia do estado anormal em que vivemos, fora da Constituição e dos habitos politicos.

Nós cremos que sim.

Um ministerio que não está demissionario não tem tempo para ocupar-se dos negocios publicos, porque vive atribulado entre o receio da revolução nas ruas e da questão politica no Congresso, ambas animadas de intenções derrubadoras. Metade do seu tempo é consumido em olhar em volta de si mesmo. desconfiadamente e a outra metade gasta-a a estudar medidas abortivas dos movimentos, mais ou menos peristalticos, dos adversarios e a engenhar combinações que lhe garantam uma maioria, embora escassa, nas votações parlamentares.

Quando, porém, o ministério depõe nas mãos do Chefe do Estado o seu mandato, o caso é bem diferente. Um governo que pediu a demissão não tem receio de que o derrubem e então, enquanto espera que outras ambições se aprestem para o substituir, o governo tem tempo e descanço para se ocupar dos assuntos graves da crise publica.

O rapaziada politica! E se nós passassemos, de futuro, a adotar a norma de que os ministé-

rios começavam por pedir a demissão e de que o parlamento realizaria uma só sessão por ano: a do encerramento?

A experiência mostra que assim é que as coisas correm direitas.

Scisões

DECIDIDAMENTE isto é país em que não se pode ver uma camisa lavada a um pobre nem uma desavença em familia, que não se levantem logo estímulos, emulações e invejas.

O P. R. P. tinha arranjado, posto em scena e filmado aquele interessante episodio da irradiação de alguns correligionarios deputados e já o Partido Nacionalista, cioso do exito alcançado, prepara uma scisão no seu seio — coisa que, hoje, só os partidos usam, porque as proprias mulheres, suas antigas detentoras, aboliram os seios em holocausto á moda.

Se pega o vêsdo das scisões, em breve teremos em vez de facções, fracções politicas.

E como acontece que os homens, em geral, são mais estimáveis que os partidos, todos teremos a lucrar que o Partido Democratico, por exemplo, se encontre um dia reduzido, exclusivamente, à numerosa pessoa do sr. Artur Costa.

Ainda Olivença

ERA de prever que a edição literaria do sr. Antonio Cabreira, ou seja o nosso Fidelino Figueiredo, havia de ressentir-se das opiniões que emitiu um jornal espanhol (se é que ele tem opiniões) acerca de Olivença e do livro que recentemente publicaram os jornalistas Matos Sequeira e Rocha Junior, com a colaboração artistica de Alberto de Sousa.

O pequeno grande homem tem se ressentido... fisicamente. Temperamento essencialmente nervoso, fez-lhe mal o café... da Brazileira do Chiado, estabelecimento que, para se dar ares de intelectual ou de valente, ultimamente tem frequentado, com geral prejuizo da sua integridade fisica.

Consta que, além das doses que lhe foram applicadas como terapeutica educativa, outras lhes estão reservadas. Discordamos do tratamento a que estão submetendo o por sua vez illustre investigador quasi literário. Bater faz inchar e inchar é sinónimo de dar importância. O que é preciso é deixar o homenzinho entregue ao seu desespero de não ser ninguem, ou então fazer, como há dias fez o *Diario de Noticias*, embora sem inteação de matar; transcreveu-lhe os pensamentos profundos, como o que aquele jornal lhe attribuiu a respeito do retrato de Camões. Não viram? Pois era uma síntese luminosa. A propósito da novela do sr. Dornelas, Fidelino, o pensador, escrever este bocadinho de ouro: «E' a melhor contribuição do centenário».

No fundo, Fidelino acha que a descoberta do retrato de Camões não tem importância e anda a deixar passar tempo para revelar uma fotografia do épico, que ele se propõe descobrir, ainda que para isso tenha de inventar a fotografia do século XVI.

O MELRO.

A "GALABRIA"

V - MESTRE VIANA DA MOTA

Era uma vez
Um gato maltês.

O nédio bichano
Tocava piano
Com tal rapidez,
Tamanha bravura,
É uma execução
Tão clara e segura
Que mal se notava
(Tanto era perfeita)
A dura pilota
A que sujeitava
A pata direita
E a pata canhota...

Se o bico da bota
Pisava os pedais,
Então os efeitos
Eram inda mais
Regularizados,
Melhor graduados
E melhor afeitos
E mais musicais...



E quando tocava,
Sempre arrebatava
Bestuntos e almas
Em gôzo feliz...
Rompiam as palmas
Os bravos, os bis!

E com voz pausada,
O bom do maltês
Dizia à gente embasbacada:
«Isto não é nada,
Isto não vale uma só nota
Do grande mestre português
Senhor José Viana da Mota.

Eu sou poeira, eu sou lixo,
Não mereço alto conceito;
Mas êle sim, êle é um bicho
De respeito!»

JACOB INO.



MAXIM'S

(CLUB DOS RESTAURADORES)

43 PRAÇA DOS RESTAURADORES — LISBOA
(ANTIGO PALACIO FOZ)

O MELHOR
E MAIS BEM FREQUENTADO
CLUB DA CAPITAL.

MAGNIFICOS SALÕES
E
MONUMENTAL ARQUITECTURA

SERVIÇO PERMANENTE DE RESTAURANT:
À CARTA E MESA REDONDA

RESTAURANT UNICO NO GENERO
"DANCING"

COM UMA ESPLENDIDA
ORQUESTRA DE JAZZ-BAND

ABERTO — DESDE AS 15 HORAS — TODA A NOITE

PAPEIS DE FUMAR ZIG-ZAG

Os melhores papeis do mundo

Double — Simples — Alcatrão
— Ramsés — Ambrée
Ponta Dourada

Acabam de chegar

PREÇOS OS MESMOS

Pedidos á

CASA HAVANEZA
124, RUA GARRETT, 124
LISBOA

GRANDE HOTEL UNIVERSAL

PEDRAS SALGADAS

ÊSTE grande e bem conhecido Hotel com
todo o conforto e aseo, abriu no dia 1 de
Julho a 30 de Setembro.

Proprietarios: — Florindo Rodrigues Garcia
& C.^ª — Gerente, o socio Rafael Cotto, a
quem deve ser dirigida toda a
correspondencia.

Café Tavares

TODOS OS DIAS:

Almoços e Jantares Concertos

Salas reservadas para banquetes

Companhia de Moçambique

Governo do Territorio de Manica e Sofala

SÉDE-L. da Biblioteca Publica, 10-LISBOA

COMITÉ DE LONDRES

COMITÉ DE PARIS

Thames House — Queen Street Place - 17, Boulevard Haussman

LONDON, E. C.

PARIS

Movimento Comercial em 1923

Importação ...	4.374.373\$00	Esc. ouro
Exportação ..	6.560.358\$00	» »
Reexportação .	21.331.648\$00	» »
Baldeação ...	6.145.418\$00	» »
Trânsito	9.999.619\$00	» »
Cabotagem ...	2.201.151\$00	» »
Total ..	50.612.567\$00	» »

EDITAL

DR. ANTONIO MARIA DA CUNHA MARQUES DA COSTA,
Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa:

Faço saber que o Senado Municipal, em sessão de 3 de Abril proximo findo, prestando homenagem ao glorioso e arrojado aviador Sacadura Cabral, que honrou e levantou bem alto, perante o mundo inteiro, o nome de Portugal, deliberou dar á «Rua Occidental do Campo Grande», o nome de:

AVENIDA SACADURA CABRAL
Grande Heroi da Aviação

E, para geral conhecimento, se publica o presente edital.

Paços do Concelho, em 7 de Maio de 1925.

O Presidente da Comissão Executiva

(a) Antonio Maria da Cunha Marques da Costa

EDITAL

DR. ANTONIO MARIA DA CUNHA MARQUES DA COSTA,
Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa:

Faço saber que o Senado Municipal, em sua sessão de 2 do corrente mez, deliberou dar á Avenida do Parque (ao Campo Grande) o nome de:

Avenida Alferes Malheiro

Percursor do regimen republicano — 1869-1925

E, para assim constar, se publica o presente edital.

Paços do Concelho, em 8 de Junho de 1925.

O Presidente da Comissão Executiva

(a) Antonio Maria da Cunha Marques da Costa

EDITAL

DR. ANTONIO MARIA DA CUNHA MARQUES DA COSTA,
Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa:

Faço saber que o Senado Municipal, em sessão de 20 de Fevereiro proximo findo, deliberou dar ao Jardim de Santos o nome de:

Jardim Gomes Leal

e á Alameda de S. Pedro de Alcantara o de:

Alameda Eduardo Coelho

E, para geral conhecimento se publica o presente edital.

Paços do Concelho, em 15 de Junho de 1925.

O Presidente da Comissão Executiva

(a) Antonio Maria da Cunha Marques da Costa

EDITAL

DR. ANTONIO MARIA DA CUNHA MARQUES DA COSTA,
Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa:

Faço saber que a Comissão Executiva, em sessão de 13 de Maio corrente, deliberou alterar da fôrma seguinte as tarifas n.º 1 e 2 da tabela n.º 3, sobre condução de passageiros em automoveis com taximetro, publicada por edital de 19 de Dezembro de 1922:

TABELA N.º 3

Tarifa n.º 1

Serviço por taxímetros e por horas — De 1 a 4 pessoas

a) pelos primeiros 800 metros ou fracção	3,500
b) por cada 300 metros a mais ou fracção	500
c) por cada 5 minutos de espera ou fracção	500

Tarifa n.º 2

Serviço por corrida — De 1 a 4 pessoas

a) pelos primeiros 550 metros ou fracção	3,500
b) por cada 200 metros a mais ou fracção	500
c) por cada 5 minutos de espera ou fracção	500

Em tudo o mais se observarão todos os preceitos estabelecidos no edital de 18 de Agosto de 1922.

E, para geral conhecimento se publica o presente edital.

Paços do Concelho, em 20 de Maio de 1925.

O PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA

(a) Antonio Maria da Cunha Marques da Costa

EDITAL

DR. ANTONIO MARIA DA CUNHA MARQUES DA COSTA,
Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa:

Faço saber que, tendo saído com algumas inexactidões o edital de 17 de Outubro de 1924, e sendo necessario dar execução ás deliberações do Senado Municipal, determino:

Que ao Largo da Paz e á Rua Brotero sejam mantidas as suas denominações — Deliberação camararia de 30 de Maio de 1918.

Que a antiga Travessa de S. Marçal se denomine Rua Luiz Fernandes — Deliberação camararia de 3 de Fevereiro de 1923.

Que se designe o antigo Caminho do Forno do Tijolo (em toda a sua extenção). Rua Angelina Vidal — Deliberação camararia de 4 de Dezembro de 1922.

Que se denomine Praça Alfredo Keil a actual Praça da Alegria — Deliberação camararia de 24 de Maio de 1920.

Que a Rua do Largo do Corpo Santo se designe Rua do Corpo Santo — Deliberação camararia de 20 de Set. de 1920.

E, para assim constar se publica o presente edital.

Paços do Concelho, em 8 de Junho de 1925. — O Presidente da Comissão Executiva (a) Antonio Maria da Cunha Marques da Costa.

EDITAL

DR. ANTONIO MARIA DA CUNHA MARQUES DA COSTA,
Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa:

Faço saber que o Senado Municipal, em sessão de 2 de Junho corrente, prestando homenagem a um dos maiores propagandistas da Republica, da instrução e do livre pensamento, e que foi na freguesia de Monte Pedral que ele mais exerceu a sua actividade e mais auxiliou a assistencia publica, deliberou que o chamado Jardim de Santa Clara passe a denominar-se:

Jardim Boto Machado

E, para geral conhecimento se publica o presente edital.

Paços do Concelho, em 15 de Junho de 1925.

O Presidente da Comissão Executiva

(a) Antonio Maria da Cunha Marques da Costa

Diario dum revolucionario civil e profissional

Julho, 17—Decididamente a crisis avaçala todas as industrias, indasque as mais rikas, como era cá a minha, da construção sivil de carrafuscas em todos os estilos e para todos os paladares.

Já faz amanhã tres mêses que tive o ultimo «gancho» e mesmo assim bem pouco importante, porque o trabalhinho foi todo p'ros militares, que pelos vistos querem tirar o pão a uma peçoa.

Durante estes tres mêses só boatos. Ora o boato não deixa nada. O boato é cá para a arte revolucionaria o mesmo que para a arte de çapataria dar uns pontos numa gaspea ou pôr umas aparas nuns çaltos. Não luz nada...

Mesmo dia, á tarde—Esteve cá á bocado o meu compadre Prudencio. Eu, quando o vi entrar, ive um palpite de que se tratava da defeza da Republica, porque o meu compadre, antes de guenociar em madeiras, tambem foi um grandecissimo revolucionario civil, benzó Deus!

Quando ele me dice: «O' compadre! Pa malembrar doutros tempos queria que vomecê vicee esta noite qomigo pa uma partida aos paçaros!» eu inté centi que cá por dentro tudo se miluminariava, como numa festa do cintenario anoad do 5 de Outubro, porque eu nestes ultimos anos não tanho feito outra coisa se não partidas aos paçaros da puliteca.

Afinal, sempre era mesmo para ir armar aos passerros, para arranjar uma arrozada. E quando eu le dice que julgava que era uma revulçãozinha ele inté se ia zangando e retruquiu-me:

—Tá maluco! Um home que tem uma estancia de madeiras e que está para ir para uma estancia d'aguas, não se mete em çarilhus, mete-se mas é em copas. E atão não se esqueça: logo, da meia noite para uma, na calçada da Ajuda, á porta da minha casa, que é para apanharmos o paçarado mesmo ao levantar da cama, qué cuando eles vão bober. Conto com a sua ajuda lá na Ajuda, han?

Indasque me fique mal pençalo pairesse-me que o meu compadre Prudencio, desne que é rico, é traidor á kausa. Em toudo o qaso tumara eu cer traidor e ter a maça que ele arranjô.

Julho, 18, á meia noite e três quartos — Apio-me do carro, em frente da calssada Dájuda. Cheira-me a vedêtas a cinquenta metros de distansasi.

—Quem vem lá?—isclama uma voz.

Digo-lhe uma sanha dos muntas que cei e que ção quasi cempre as mesmas, purque eu grassas a Deus sou um revulocionario sevil prumiado em toudas as ruviuções a que tanho concurrido.

A vedêta diz-me que pace e eu paço em frente do paço de Belem.

Mesma noite, á 1 e meia—Bato á porta do meu compadre Prudencio. Ele apparese me por traz dos vidros e faz-me um jesto, que tanto pode cer o que eu julgo como não e fexa as portas de dentro.

Cento-me nos degraus da porta, mas vem uma patrulha e diz-me que não ce pode andar ali centado. Alevanto-me e açubo a rua, porque eu áxo que um home nunca deve descer, mesmo na Ajuda.

Mesma noite, ás 2 horas—Lá em cima á gente e tiros. Tiro-me dos meus cuidados e vou vêr o que é. Pergunto a um soldado, apontando para cima:

—O que é aquilo, alem, no quartel?

—E' um posto de telegrafia sem fios.

Mas um official, não cei de que posto, diz-me que aquilo é um posto revolucionario. Estou com a minha gente, indas que seja a prumeira vez que entro num posto de revolução sem fios ou sem fins, não percebi bem.

Mesmo dia, ás 2 da tarde—E esta, han?! Atão não era mesmo uma revolução a valer, com soldados, tiros e o «Vasco da Gama» a disparar granadas a serio?!

O meu compadre Prudencio sempre me mete em cada çarilho!

E andam á minha procura para me prenderem, a mim, que só costumo apparecer depois das revulções e que se agora appareço me mandam a banhos para S. Julião da Barra!

Julho 19, pela manhã—Fui apanhado. Já fiz tres viagens em comboio e kamion por conta do Estado. Axo que hamanhem vamos para o forte da Graça e não lh'axo grassa nenhuma. Só um chefe de familia, que só espera que le deem um lugar de continuo no Congreço, que ganha mais que um almirante e aonde uma peçoa já pode defender a Republica com toda a cumudidade.

Julho, 20—Acabo de me feliar no Cindicato Uneco dos Prêsos Que Ce Invadem das Prizões do Estado.

Pela pontuação

E. DE CÉTERA.



UM ÁPARTE

Orando, durante nove horas consecutivas, o sr. dr. João Camozas falou, como o *Petit Larouse*, de tudo quanto ha neste mundo e no outro.

Disse o que pode dizer uma pessoa que, nove horas seguidas, sem comer, sem dormir, sem... fazer nada mais do que falar, vai articulando palavras umas atraz das outras. Falou, falou, falou, emquanto a Camara dormia. Depois, a certa altura, quis demonstrar que o seu discurso tinha, como a pescada, cabeça, posta e rabo.

O sr. dr. Hermano de Medeiros, interrompendo-o, em aparte:

—V. Ex.^a faz-me um favor.

—Queira V. Ex.^a dizer.

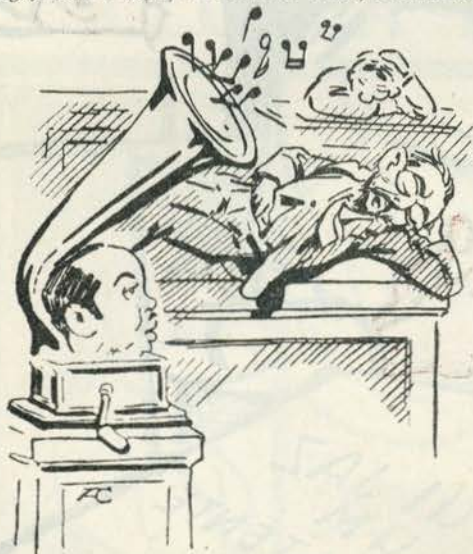
—Peço-lhe que não publique o seu discurso em livro.

CARTA DE UM PROVINCIANO

Sobre a crise ministerial

Meu caro compadre:

Já ahi deve constar que cahiu o governo do Antonio Maria, por causa duns sujeitos que ha dias se puzeram a falar de castigo no Parlamento. Eu tambem lá fui vêr aquilo e logo percebi que não havia governo nenhum que fosse capaz de resistir a uma coisa daquelas. Um tal Camoegas, que parece que se chama assim por ter umas maçãs do rosto muito redondinhas, poz-se a falar de castigo, toda a noite, e o Antonio Maria, a certa altura,



deu parte de fraco pondo-se a dormir de barriga para o ar e com a boca a berta, inteiramente vencido pelo sono; e vai dahi, como os outros estavam acordados, botaram-no abaixo, o que não foi grande façanha. Acho mesmo que não foi bonito, aproveitar a ocasião em que ele se tinha ido abaixo com o sono, para o deitar abaixo do poder. Que isto é o que eles dizem porque eu cá não o vi cahir. Mas esse Camoegas falou de tanta coisa que parecia aquele dicionario do Larousse que tem o dr. Pontes. Ah compadre, o que aquele alma do diabo para ali disse!... Falou da America e da Instrucção publica, da China, do Egipto, e de tantas terras que até julgo que algumas foram inventadas por ele, mas o que lhe fez muita mozza foi uma moção apresentada pelos nacionalistas, em que eles queriam que os outros partidos declarassem que eram todos uns asnos e só os nacionalistas eram capazes de endireitar o paiz. Ela era dura de roer.

E falava com umas palavras tão dificeis que até parecia uma conferencia de medicos, quando eles se põem a dizer aqueles nomes esquisitos das doenças, que a gente não entende. Afinal votaram a noção do governo cahiu.

Agora andam a arranjar outro, mas parece que está custoso. O Presidente da Republica chamou os politicos todos a Belem, mas eles não disseram coisa com coisa.

Cada um deu o seu quinau mas parece que não se entendem uns com os outros.

Os nacionalistas pedem a dissolução, mas n'aquella noite dos discursos de legua e meia toda a gente dizia que aquilo era uma verdadeira dissolução e o Cunha Leal, que é nacionalista, estava todo indignado por isso.

Que diabo de dissolução será então a que eles querem?

Os democraticos esses lá não dizem o que querem. Dizem só o que não querem. Desde que entraram no caminho das irradiações não usam d'outro sistema.

Irradiam tudo o que não lhes convem que é para ficarem á vontade.

Os acionistas então indicaram sete presidentes, não sei se é para haver um cada dia da semana, ou se é para ficar trabalho feito para as sete crises que hão-de dar-se d'aqui até ás eleições.

E os canhotos, por seu lado, pretendem um governo de concentração, presidido por uma alta figura republicana. dizem os jornais. Aquilo de concentração se calhar, é para vêr se conseguem concentrar-se no Partido democratico donde o Antonio Maria os irradiou.

Mas os mais engraçados são os indepentes. Esses é que são uns pandegos.

Nada de governos extra-partidarios, porque se o governo não sahir dos grupos da Camara, eles com certeza tambem não saem dos seus lugares de deputados para as cadeiras de ministros.

Nestas ocasiões é que é ve-los. São amigos como cães deante do mesmo osso.



Fala-se no Brito Camacho, mas os mais radicais não gostam dele, dizem que não é capaz de fazer uma limpeza nas repartições publicas, que estão pejudadas de monarchicos.

Por outro lado defende-lhe o candidatura o Carlos Pereira da Companhia das Aguas, porque o Camacho é o único que pode ter para com a falta de agua mais alguma benevolencia. Mas, tudo tem o seu mas. O Alfredo da Silva que é um potentado, não o quer. Diz que se ele vai ao poder tem de fechar as fabricas de sabão e que embora lhe aumente o guano, isso não é compensação bastante. Quem anda muito empenhado por ele é o Antonio Maria, que não se esquece dos recados que elle lhe fez na noite em que o Camoegas disse aquelas 80.000 palavras sentidas á beira da campa do seu governo.

Tambem se fala num governo de militares mas isso é uma coisa muito incerta. Dizem o Sinel de Cordes, o Raul Esteves e o Cabeçadas, que é perigoso pensar nisso, porque á ultima hora, quando forem para tomar posse, é capaz de não aparecer nenhum. E era uma massada, quando tivesse de haver conselho de ministros ter de pôr o governo de prevenção desde a vespera.

Pensou-se numa concentração geral, que é uma espécie da filarmónica onde cada qual toca o que lhe dá na gana, como diz o Camacho, mas os nacionalistas não querem tocar senão a solo.

Andam com aquela mania ha uns poucos de anos sem resultado nenhum. Já uma vez quizeram fazer uma experiencia, mas foi uma desafinação medonha. Eu até já me lembrei que talvez aí se pudesse arranjar uma meia duzia de ministros em primeira mão, mas dizem-me que talvez seja melhor esperar por um governo das forças vivas, que sempre é outro aceso.

Em todo o caso vocês já ficam sabendo que reservo para mim a pasta da Instrucção para aproveitar a ocasião de aprender alguma coisa de contas e de jografia que é o que mais falta me tem feito no commercio.

Como o compadre vê, isto está por cá muito embrulhado. Vamos a ver se amanhã lhe posso dar noticias mais animadoras.

Um grande abraço do seu compadre e amigo

José Palonso.

NO CEMITERIO DA AJUDA



— Quem me dera ser aquele ... e saber o que sei hoje!...